

A Sociedade “Brasileira” do Espetáculo



Por Gilberto Mauro

Os meios de comunicação exigem uma séria reflexão. A primeira delas é que, apesar de serem uma concessão pública, jornal, rádio e TV sempre trabalharam pelos seus patrocinadores, ou seja, o capital, e nunca tiveram carácter público. Independente das mudanças de suportes, tais plataformas passaram décadas a fio desconstruindo a cultura de um país. Sem a base da cultura, sem identidade cultural, uma nação não pode ter entendimento de si, muito menos do mundo, porque se desconstrói a memória. Assim, se aliena e alija de todo o conhecimento. Neste estado quase mesmerizado, esta enorme multidão absorve, aceita e normatiza uma falsa verdade, por mais aberrante que seja.

Hoje, já perdendo o espaço para os suportes da internet, a imprensa corporativa deixou um imenso legado de desinformação, ignorância e mentira. “Pariu”, assim dizendo, seus processos bestificantes que alimenta parte da sociedade, em especial os setores desprovidos de

leitura, de cultura e entendimento crítico. Como em consequência imediata, vive em ciclos viciosos de consumo de qualquer natureza.

A despeito disso, ficam aqui algumas reflexões do filósofo francês, Guy Debord, em seu Livro escrito nos anos 60 “A Sociedade do Espetáculo”. Tal obra destrincha os processos midiáticos de forma ideológica, psicológica, suas causas e consequências. Profundo, atualíssimo, visceral:

“O movimento de banalização que, sob a diversão furta-cor do espetáculo, domina mundialmente a sociedade moderna, domina-a também em cada ponto em que o consumo desenvolvido das mercadorias multiplicou na aparência os papéis e os objetos a escolher. A sobrevivência da religião e da família – a qual continua sendo a principal forma da herança do poder de classe”.

“Com a separação generalizada entre o trabalhador e o que ele produz, perdem-se todo ponto de vista unitário sobre a atividade realizada, toda comunicação pessoal direta entre os produtores separados e da concentração do processo produtivo, a unidade e a concentração tornam-se atributo exclusivo da direção do sistema. A vitória do sistema econômico da separação é a proletarização do mundo”.

“A origem do espetáculo é a perda da unidade do mundo, e a expansão gigantesca do espetáculo moderno revela a totalidade dessa perda: a abstração de todo trabalho particular e a abstração geral da produção como um todo se traduzem perfeitamente no espetáculo, cujo modo de ser concreto é justamente a abstração. No espetáculo, uma parte do mundo se representa diante do mundo e lhe é superior. O espetáculo nada mais é que a linguagem comum dessa separação. O que liga os expectadores é apenas uma ligação irreversível com o próprio centro que os mantém isolados: O espetáculo reúne o separado, mas o reúne como separado”.

“Se as necessidades sociais da época na qual se desenvolvem essas técnicas só podem encontrar satisfação com sua mediação, se a administração dessa sociedade e qualquer contato entre os homens só se podem exercer por intermédio dessa força de comunicação instantânea, é porque essa ‘comunicação’ é essencialmente unilateral; sua concentração equivale a acumular nas mãos da administração do sistema os meios que lhe permitem prosseguir nessa precisa administração. A cisão generalizada do espetáculo é inseparável do Estado moderno, isto é, da forma geral da cisão na sociedade, produto da divisão do trabalho social e órgão da dominação de classe”.

“O espetáculo é a realização técnica do exílio, para o além, das potencialidades do homem: a cisão consumada no interior do homem”.

Como disse um de nossos diretores, Célio Guiga, “Este golpe foi cultural”. Porque, afinal, todo golpe é cultural.

Nota de repúdio do SINDMUSI-MG à desvalorização da arte e da música

Por Diretoria do SINDMUSI-MG

O Sindicato dos Músicos Profissionais do Estado de Minas Gerais, SINDMUSI-MG, lamenta o potencial despreparo daqueles que se apresentaram como candidatos ao governo do estado nas eleições do ano passado e membros da sociedade civil mineira para entenderem as complexidades que a arte provoca e, sobretudo, a importância das iniciativas públicas para a sustentação da arte e enriquecimento cultural. Em 2 de setembro de 2018, presenciamos uma violência brutal contra a cultura nacional brasileira, quando o acervo do Museu Nacional esvaiu-se em chamas no Rio de Janeiro. Não há palavras que descrevam a perda

que isto representa à cultura brasileira, mas devemos aprender através deste ocorrido. O Brasil, mais do que nunca, deve instruir-se a preservar sua cultura e sua história.

Quantas crianças e adultos serão furtadas do direito de aprender sobre tantos temas pela perda descrita acima?

A cultura é dotada de patrimônios materiais e imateriais e é dever do Estado zelar por esta herança, assim como é dever do governo de Minas zelar por seu patrimônio cultural. Parte desta riqueza cultural remete-se à arte e, em especial para o SINDMUSI, à música.

Minas Gerais possui o tamanho geográfico equivalente à França e é maior que mais da metade

dos países do globo terrestre. Todo este patrimônio merece carinho e respeito, mas não apenas em discursos. Minas merece incentivo e manutenção de seu grande potencial cultural, formador deste povo e provocador de horizontes melhores.

Minas não é só Congado e nem ópera, não é só fé nem samba, não só sertão e soul, jazz e oratórios. Minas é tudo isto.

Sabemos que o investimento em cultura é pífio diante de tantas outras demandas, mas tal negligência é inadmissível e estaremos firmes para lutar pelos músicos mineiros, docentes ou performers, eruditos ou populares, a qualquer hora e a qualquer tempo.

Minas é um museu a céu aberto, com suas igrejas, praças, parques e teatros. E, se algum deles se vira à elite, devemos otimizar seu funcionamento, mas, nunca os difamar para nos “livrarmos”. Os eleitores elegem seus governantes para zelar por seu patrimônio e não para que oportunistas o destruam por ações ou palavras.

Políticos não são patrões, mas funcionários do povo, admitidos pelo voto para cuidar do patrimônio material e imaterial da sociedade.

Repudiamos qualquer governo que não incentive e valorize a cultura, expressão de um povo. Nos dispomos a colaborar para a criação de medidas protetivas à arte e seus espaços de atuação. SINDMUSI-MG na luta!

Sendo muitos seremos fortes



Por Antônio Viola

No dia 31 de outubro de 2018, comemoramos um ano de gestão da nova diretoria do SINDMUSI-MG. Numa vitória histórica, nossa chapa, formada com o cuidado de ser

amplamente representativa, contemplando os diversos campos de atuação nos quais se divide o trabalho de músico, assumiu a frente do Sindicato, o órgão de representação por excelência de uma categoria profissional.

Assumimos a entidade, após décadas de administrações desinteressadas e distantes da base e de suas demandas, com a disposição de quem quer recuperar o tempo perdido. Nos primeiros meses, como já prevíamos, foi necessário um amplo trabalho de organização interna, básica, que envolveu desde os trâmites burocráticos de regularização junto ao Ministério do Trabalho, registros em cartório, regularização de conta bancária etc., até a contratação de funcionários, de um escritório de contabilidade e de assistência jurídica, peças essenciais para um funcionamento minimamente eficiente. Faltava-nos até mesmo um sistema de arrecadação das mensalidades dos associados, o que teve de ser desenvolvido.

É muito importante ressaltar que assumimos a direção do Sindicato num período da história do nosso País especialmente grave para os trabalhadores, vítimas de uma "Reforma" Trabalhista que, ao contrário do que se apregoava, trouxe mais desemprego. Tudo isso ao custo de precarização nas relações de trabalho, tendo sido a classe trabalhadora perversamente penalizada com a perda de direitos e garantias. Como se não bastasse, os sindicatos, representantes legais

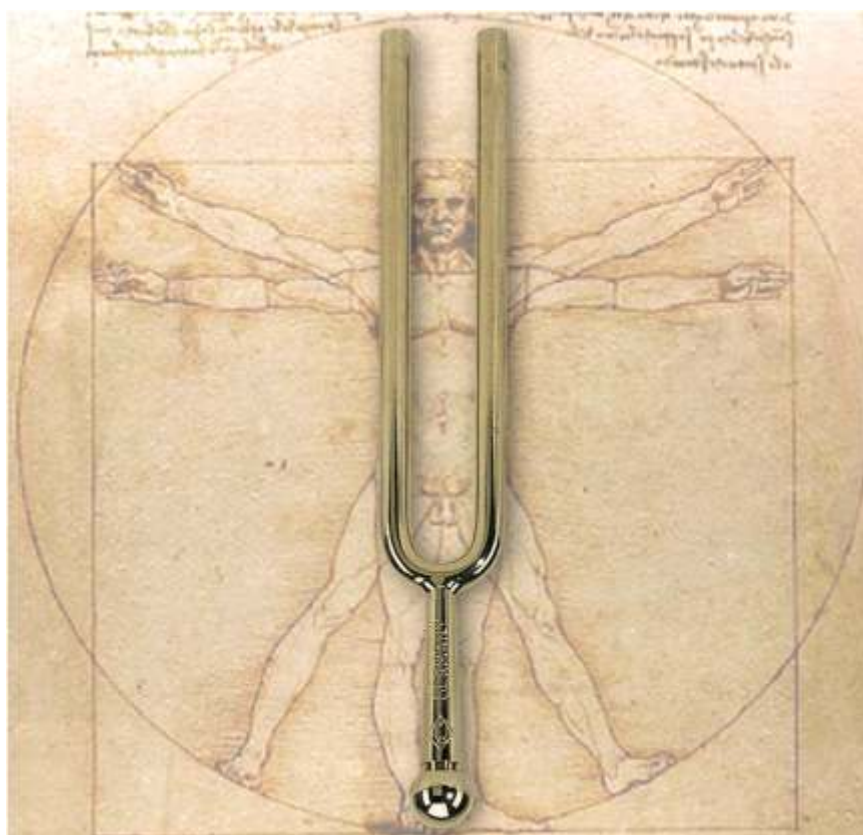
da organização coletiva, foram (e estão sendo) duramente atacados. Do ponto de vista econômico, o fim do imposto sindical, através do qual os trabalhadores financiavam sua representação sindical com o valor de um dia de trabalho por ano, foi uma tentativa do governo de inviabilizar a existência (e sobrevivência) das entidades.

Sabemos que, em sua grande maioria, os músicos já vivem uma realidade de extrema precarização nas relações de trabalho. Poucos são os que têm emprego fixo. Essa nova realidade nos leva, portanto, à precarização da precarização. Por outro lado, é justamente diante desse quadro nada favorável que se torna mais imprescindível a união de esforços para conquistarmos uma rede de proteção e solidariedade.

Assistência jurídico-trabalhista, convênios médicos e outros, bem como a luta para o estabelecimento uma tabela de preços por serviço que seja ao mesmo tempo minimamente justa e realista; pelo covert-artístico revertido integralmente para os músicos e por políticas de valorização da nossa atividade em todas as suas vertentes são conquistas possíveis. Mas para isso, faz-se necessária uma campanha de sindicalização massiva, que abranja também o interior do estado, tão esquecido pelas gestões anteriores. **SENDO MUITOS, SEREMOS FORTES!**

Esta será a tarefa maior do SINDMUSI-MG no segundo ano da atual gestão.

Ambiente, saúde e arte



Por Edison Eloy

A evolução humana não interrompe sua marcha, é impossível detê-la. Conquistar novos espaços e saberes, avançar e transpor fronteiras é inexorável. É da natureza humana desvendar e decifrar o, até então, desconhecido. A arte é talvez a mais poderosa ferramenta com a qual as civilizações capacitaram-

se para auxiliar nesta eterna busca. Mesmo sem objetivamente sabermos o para quê, avançamos. Todas as culturas, de todas as regiões do planeta, expressaram suas impressões sobre o que vivenciavam e, além disso, seus ideais, nas diversas formas de representação subjetiva. Ser parte do ambiente é condição primeira de nós, humanos. Contudo, equivocadamente, a

partir principalmente da implantação dos processos de produção em escala industrial, nos colocamos à parte, apesar deste passo não ter sido determinado conscientemente. Mas o fato é que não estamos fora do ambiente que nos envolve, somos parte dele. Nosso equívoco maior é tratarmos tudo a nossa volta excluídos de nós, como se, imunes aos efeitos provocados por nossas ações, pudéssemos gerenciar todas as demandas sem sermos afetados negativamente por muitas de nossas escolhas. Insistimos em vícios e comportamentos negativos que sabemos ser destrutivos. Todos os fenômenos naturais estão definitivamente ligados a nós.

A arte alicerça e, objetivamente, molda a formação do pensamento crítico. A música atinge, no campo subjetivo, áreas da cognição onde elaboramos grande parte da nossa percepção do mundo em volta e, principalmente, da nossa dinâmica de relação com o outro. Estas áreas são afetadas por estímulos neuropsíquicos contínuos, gerados a partir da elaboração de nosso pensamento. Nos identificamos naturalmente com nossos semelhantes.

Não por acaso, recentemente, os britânicos criaram uma pasta em nível governamental para cuidar da situação daqueles que vivem

sozinhos, tendo em vista que esse número só aumenta. A depressão, naturalmente, começa a fazer parte da vida destas pessoas. E, mais uma vez, a música está presente e "atuante". Comprovadamente, ela beneficia as atividades humanas em diversos campos, além de ser usada como "remédio" nas casas de repouso, em seus procedimentos terapêuticos. Seu uso em processos para auxiliar na recuperação de crianças e adolescentes vítimas de violências diversas é ferramenta eficaz, inclusive com a comprovação dos resultados positivos de sua utilização. O governo britânico incrementa a utilização da música em todos os processos que envolvam questões psicossociais, onde o poder público atua, indo ao ponto de promover a presença das pessoas em concertos musicais e eventos diversos envolvendo a música, estimulando a realização de atividades onde a música esteja presente.

Utilizar a música passou a ser ação de política pública. Esta é uma utilização objetiva da música e, conseqüentemente, dos profissionais ligados a ela para a transformação na qualidade de vida das pessoas. Música sim e sempre, a arte salva!

Como os músicos vieram salvar a utopia Brasil

“Uma fábula verdadeira” – Parte I

Publicaremos, a partir desta edição, o texto resumido do jornalista, Luís Nassif, produzido para o Seminário “O Renascimento das Utopias”. O artigo será publicado em duas partes, sendo esta a primeira. Para ler na íntegra, basta acessar nosso site: www.sindmusimg.com.br

Foram alguns anos de guerra e destruição. Grandes fogueiras arderam por muito tempo, consumindo fiéis e ímpios, a velha política e os jacobinos que ascenderam pregando o ódio e a punição. No centro da arena, o orçamento. Protegendo-o, a muralha da Constituição. Dentro dela, um punhado de generais vacilantes, reunidos em um sarcófago de nome Supremo. No seu entorno, grupos variados, cada qual manobrando seus instrumentos mortais visando a conquista do butim. Os juízes entraram armados de sicas e escudos; os procuradores, de gládios e lanças; os técnicos do TCU, com as redes com pesos nas bordas; e o mercado com seus carros de combate, anunciados por corneteiros da mídia. E as cornetas tinham o condão de espalhar o terror a quem as ouvisse. A luta ultrapassou os limites da arena e se estendeu por todo o país, especialmente depois que os defensores da Constituição levantaram suas batatas, deixando à mostra canelas desossadas, e saíram aceleradamente de ré, para não aparentar a fuga dos deveres. Fugiram sem dar as costas, data vênica.

O estado passou a ser disputado por corporações públicas, pelo mercado e por uma organização criminosa que se apossou do poder distribuindo nacos da Nação como se fosse um butim capturado por piratas. Derrubada a última cidadela, as instituições sofreram um massacre generalizado e o orçamento foi alvo de pilhagem em nível jamais ocorrido. Bombas de alta calibragem, de nome PEC, destruíram o que restava. No horizonte, viam-se apenas destroços, cadáveres de ideias insepultas, fetos mortos, de sonhos não realizados, ruínas de sonhos interrompidos do que antes fora uma civilização promissora. Jogadas por todo o país, as bombas de nêutron não deixaram instituições em pé, vitimaram milhões de pessoas, mortas pela fome, pela peste, pelas PMs e pelo desencanto. Uma pesada bruma envolvia todo o país, impedindo as pessoas de se verem.

Todas as velhas lideranças foram destruídas. Dos partidos políticos, nenhum sobrevivera ao grande expurgo. Principal estimuladora de uma guerra fratricida, da mídia viam-se apenas destroços, manchetes boiando no esgoto onde foram afogadas todas as verdades. Último dos grupos sobreviventes, a Rede Globo foi engolfada pelas redes sociais, depois de ter sido decepada em dezenas de pedaços por uma turba raivosa, que juntou extremistas de direita, de esquerda e moderados de outros tempos, que guerras inclementes haviam transformado também em vingadores sanguinários. Os tecnocratas foram os últimos a serem liquidados. Antes do grande dilúvio, haviam tomado de assalto a capital federal, especialmente os das áreas jurídicas e de controle. O parlamento foi substituído por uma junta de controle composta por presidentes de tribunais superiores, da CGU e do MPF, todos



eleitos apenas pelas respectivas corporações, e avalizados pelo Mercado.

Na planície, as empresas foram tomadas de assaltos por advogados, contadores, egressos do Ministério Público, da Controladoria Geral da União, dos Tribunais de Conta, controlando todos os passos, impedindo qualquer decisão, expulsando, por inúteis, gestores, pesquisadores, empreendedores, prendendo e expondo à turba o funcionário que ousasse qualquer passo fora do manual ou o cidadão que aspirasse qualquer demanda do setor público.

Foram anos e anos de purgação até que o ódio injetado na veia do país fosse expelido e, de uma nação extenuada pelas guerras sem fim, brotasse um princípio de acordo. Quando as bombas cessaram, os primeiros sobreviventes puseram a cabeça para fora de seus abrigos. Olharam o horizonte. Onde, antes havia um país, agora restava o silêncio sepulcral.

O Renascimento

A reação começou quando um bisneto de candangos encontrou no fundo do baú um tocadiscos e colocou para tocar um baião de Gonzaga: “a gente lembra só por lembrar”. O som entrou fundo na sua cachola, despertando lembranças imemoriais. Rapidamente chamou os vizinhos para mostrar o achado. O som foi se espalhando pelo quarteirão, depois pelo bairro, finalmente alcançou as redes sociais. De outros cantos do país, outros sons foram brotando no circuito, como peças de um enorme quebra-cabeças.

De uma vila do Nordeste ouviu-se um som de sanfona e um repente; das bordas do sul, responderam com um chamamé; do centro, em Minas, tambores e toadas; ao lado, em São Paulo, sons de viola. Como naufragos se encontrando, os sons foram se aproximando, até que um batuque explodiu no Rio, e o samba juntou a todos em uma confraternização irresistível: o país estava vivo. Os cantores que ajudaram na Abolição da Escravatura no século anterior, que celebraram a democracia nos anos 80, que

foram a resistência no momento final, em que o país foi açambarcado por uma organização criminosa, estavam de volta, juntando os cacos do país e, mais uma vez, comandando o renascimento da Nação. Ao som de maracatus, sambas e frevos, houve a convocação da nova grande Assembleia Constituinte.

Dos HDs, preservados em grandes tubos de aço, no pior período da guerra, sábios sobreviventes extraíram experiências e conhecimentos da era anterior para trazer para a mesa de negociação. E, com a solidariedade e o bom senso só possíveis em períodos de pós-guerra, teve início a grande negociação.

Os princípios fundadores

Tiveram que reaprender, desde o início, como se constrói uma Nação. O primeiro ponto, inegociável, foi a fixação das chamadas cláusulas pétreas: a ideia de que todos seriam iguais, o conceito da igualdade de oportunidades, a solidariedade, o combate a todas formas de preconceito. Os enormes erros cometidos no período que antecedeu as guerras púnicas impuseram um cuidado adicional para não se repetirem. Havia a necessidade de um aprofundamento da democracia. Foram recriadas, então, as Conferências nacionais e conselhos de participação em todas as instâncias. Para impedir a apropriação por grupos políticos, definiram-se regras claras garantindo a participação isonômica de toda a sociedade, de trabalhadores a pequenos empresários, de movimentos sociais a religiosos, das grandes cadeias produtivas às representações regionais.

Houve uma Justiça de Transição. Ela julgou e condenou juízes e procuradores que fugiram de sua missão constitucional, de defender a Constituição. Não houve reações maiores. Àquela altura, eram apenas lembranças velhas, como a dos velhos torturadores que passaram o resto de seus dias temendo o castigo das leis, depois de terem sido condenados pela história.

Continua na próxima edição.



O sindicato dos Músicos de MG, irá fornecer aulas de idiomas! **Inglês, Russo e Italiano!**

Inscreva-se!

Apenas R\$90,00

4 aulas por mês para Sindicalizados e dependentes de qualquer categoria!

R\$150,00

4 aulas mês para não sindicalizados.

Turmas de até 8 alunos

Segundas: de 19 às 20 - Russo

de 20 às 21 hs - Inglês

Quartas: 19 às 20 - Italiano

de 20 as 21 horas - Inglês

Fones - (31) 3201 6611 / (31) 3224 7024



VOX STUDIO

O sindmusi mg tem parceira com o studio Vox.

- Gravação audiovisual - shows e clipes.
- 7 câmeras com gravação de áudio de até 24 canais.
- Preço bastante acessível e com 25% de desconto para sindicalizados!



O SINDICATO DOS MÚSICOS PROFISSIONAIS DE MG, COMEMORANDO 01 ANO DE POSSE DA NOVA DIRETORIA ELEITA, VEM TRAZER AOS ASSOCIADOS E SEUS FAMILIARES OS BENEFÍCIOS DO PLANO DE SAÚDE GOOD LIFE, AO CUSTO DE R\$59,90 POR PESSOA, COM ATENDIMENTO DE URGÊNCIA E EMERGÊNCIA, CONSULTAS EM TODAS AS ESPECIALIDADES E EXAMES DE IMAGEM E LABORATORIAL.

PLANO ODONTOLÓGICO COMPLETO AO CUSTO DE R\$27,80 POR PESSOA.



FAÇA JÁ SUA ADESÃO !!!

31 993027767

3201661133



O Sindmusi MG oferece Assistência Jurídica para seu trabalho de músico gratuitamente. Sindicalize-se!

Fones: (31) 3201 6611 - (31) 3224 7024 a tarde



Aproveite os % DESCONTOS*

Para ingressantes do primeiro semestre de 2019.

Conveniada com o UniBH possui condições exclusivas para capacitar seus beneficiários e dependentes.

30% DE DESCONTO NA GRADUAÇÃO

Agende sua prova e comece a realizar seu sonho no UniBH.

Inscreva-se em: unibh.br/vestibular

20% DE DESCONTO NA PÓS-GRADUAÇÃO

Com a pós-graduação do UniBH, você vai poder se reinventar e perceber que o novo sempre é surpreendente.

Inscreva-se em: unibh.br/pos

Fale com a gente:

31.3319-9500



* O desconto não contempla as taxas de matrícula e inscrição. * O benefício não é válido para o curso de Medicina. * O desconto corporativo não é cumulativo com o financiamento Provedor ou Anplac.

Anuncie Aqui !

31 983115758

31 3201 6611

